



O Camponês

ÓRGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

Por três anos no dia 19 de Maio que o assassino Cartajola que foi agora promovido a capitão roubou para sempre ao nosso convívio a nossa saudosa Catarina.

O 19 de Maio foi mais uma vez assinalado com importantes lutas por melhores jornas, contra as empreitadas e manifestações de sentimento das quais relatamos as mais importantes.

Em Bateirão apesar de, nessa semana, a PIDE aparecer na terra e a GNR a pé e a cavalo baterem todos os cantos, apareceu na manhã 19 de Maio no largo principal um cartaz com duas fotografias com diálogos a prestá-lhe homenagem. Neste dia pouco gente saiu de casa por se considerar de luto e o silêncio em geral. Numa tasca e num rancho, vários trabalhadores fizeram um minuto de silêncio.

Em Plas numa reunião de mais de meio cento de companheiros todos fizeram um minuto de silêncio. Também em várias outras terras e ranchos foram feitas outras manifestações de pesar.

O nobre exemplo de heroísmo dado pela nossa saudosa Catarina deve ser um motivo para que todos nós lutemos com todas as nossas forças, em defesa dos nossos interesses e do pão dos nossos filhos.

GREVES E LUTAS VITORIOSAS DOS CEIFEIROS PELOS 50\$00 E CONTRA AS EMPREITADAS.

Este ano, «O Camponês», convidou todos os ceifeiros e ceifeiras a lutarem pelos 50,00 e pelos 32,00. Esta orientação, ajudou-nos a organizar melhor a nossa luta, tornou mais forte a nossa união, fez com que em vários sítios conseguíssemos os 50\$00 e dessemos uma pancada nas empreitadas.

Também foi uma boa achega, a malta em alguns sítios ter feito um estudo das lutas passadas e ter sabido emendar algumas coisas que não estavam bem.

E, agora, vamos ouvir alguns correspondentes de «O Camponês» contarem o que se passou nas ceifas e como correram as nossas lutas.

DOIS DIAS DE GREVE EM PIAS

Desta localidade. Informam a redacção, que os ceifeiros fizeram várias reuniões, que as mulheres também se reuniram por três ou quatro vezes e defenderam os 50,00 e 32,00. Disse que no dia 19 de Maio 54 trabalhadores juntaram-se na praça e combinaram firmar-se nos 40,00 e contra as empreitadas e que depois no dia 20 de Maio mais de 200 companheiros e 12 companheiras se juntaram na Praça e que o gerente e o procurador do Rogado queriam que os nossos companheiros, fossem trabalhar de empreitada tendo ido buscar a PIDE e a GNR. O gerente disse que na casa do seu pai não ninguém ia trabalhar à jorna. Um companheiro, nosso respondeu: «de empreitada ceifa tu». Outro companheiro gritou: «de empreitada ninguém arreda pé daqui», e que outro companheiro disse também: «o ano passado, trabalhei de empreitada para o Rogado e os dias saíram-me a 59,90, erregava ainda não se via a largava muito depois do sol posto, e ele nem ivsequer deu mais um tostão para recebermos os 40,00».

Comunicou que no dia seguinte, os mesmos companheiros, voltaram à Praça todos unidos. A P.I. e a G.N.R. mais uma vez quiseram forçar os nossos companheiros, a pegar nas empreitadas mas todos se firmaram e com esta greve de quase dois dias, forçaram os agrários a contratar uns a 30,00 e outros a 35,00.

No dia 26 foram à praça 154 trabalhadores. Não apareceu nenhum gerente mas apareceu a G.N.R. A nossa malta fez barulho dizendo que não havia direito irem buscar algarvios havendo pessoal na terra sem trabalho e em grupos foram pedir trabalho aos agrários e quase todos foram aceites a 35,00,

58,00 e até 40,00.

POR TRÊS VEZES OS CEIFEIROS DE BRINCHES FIZERAM A GREVE VITORIOSAMENTE

Dizem-nos daqui que os jovens e adultos fizeram várias reuniões para combinarem o que haviam de fazer. Um companheiro nosso que assistiu disse assim: «podiam estar aqui mais pessoas e só o não estão porque nós não os convidamos». Na primeira semana, os agrários só queriam dar 20,00 mas os nossos companheiros fizeram greve e conseguiram os 25,00. Na segunda semana tiveram que fazer novamente greve para alcançarem os 30,00 e na terceira, tiveram que fazer greve para alcançar os 40,00 e 45,00.

GREVE DE 2 DIAS EM QUINTOS PELOS 50,00

Informam que os ceifeiros deste povo fizeram uma reunião e que no dia 19 de Maio, juntou-se muita gente na Casa do Povo. Disseram ao Presidente que queriam ganhar 25,00 e como ele não desse, 30,00, que fosse proibido irem buscar pessoal de fora e que não pegariam nas empreitadas.

O pessoal esteve firme e depois de ter estado em greve todo o dia 20 e no dia 21 até à tarde, arrancaram os 50,00.

BRILHANTES EXEMPLOS DE UNIDADE

EVORA — Conversando sobre as ceifas disseram-nos que no dia 20 de Maio se juntaram na Praça mais de 800 companheiros de Souzel, Cano, Casa Branca e Grória, que se firmaram e os agrários disseram que já davam os 40,00 por terem dó de nós. Um companheiro respondeu e muito bem: «se vocês ar e 27 companheiros e companheiras aceitaram e logo saltaram para a camioneta. Quando a camioneta já tinha andado um bocadinho, mais de 500 companheiros e companheiras atravessaram-se à frente e obrigaram-na a parar. Fizeram aos trabalhadores e pegaram-lhe pelos braços e pelos avios e fizeram-nos descer. Depois da malta combinou-se e resolveram trabalhar de ar e ar, mas alcançaram os preços que pediamos.

REQUENGOS — contam-nos que nesta terra mais de 100 companheiros estavam na Praça firmados nos 50,00. Apareceu o Alferes Pedro e disse aos nossos companheiros que não deviam ganhar os 50,00 mas aquilo que os agrários quizessem dar. Ameaçou de serem presos se continuassem firmes, mas os nossos companheiros não deram ouvidos, continuaram a luta e conseguiram os 50,00. A jorna mais baixa que receberam foi de 40,00.

NOUTROS SÍTIOS TAMBÉM CONSEGUIMOS OS 50,00

VIANA DO ALENTEJO — Comunicam-nos que as jornas chegaram a 45,00 e em Albergaria os nossos companheiros alcançaram mesmo os 50,00.

VIDIGUEIRA — Aqui os nossos

companheiros também conseguiram os 50,00 mas a maior parte do pessoal ganhou 40,00 e 45,00.

ALCUBA — A vontade dos nossos companheiros fez com que as jornas nas comemoras a 30 e fossem até 45,00 e 50,00 e 60,00.

MOURA — Os companheiros uniram-se e as jornas foram até 42,00.

POVOA — Os ceifeiros orientados pelo «Camponês» também arrancaram os 50,00.

S. MATIAS — Andaram casais a ceifar a 90,00 com comida e dando uma hora antes do nascer do sol e largavam outra depois do sol se pôr.

COUÇO — Informam que durante as ceifas todos os domingos, se juntavam na Praça mais de 300 companheiros e que nas duas primeiras semanas os homens ganhavam 40,00 e as mulheres 32,00. Um dia o rendeiro João Dias trazia umas 100 mulheres. Elas perguntaram-lhe como era o preço. Ele respondeu que eram 17,00. As nossas companheiras, unidas, exigiram 25,00 e como ele não desse, 30,00, que fosse proibido irem buscar pessoal de fora. No outro dia o rendeiro mandou chamar as mulheres pelos 25,00.

DIZANDA — em Foros de Peixe os homens pela luta ganharam 50,00 e as mulheres 32,00 e que na Lamarosa também atingiram os 50,00.

BENCATEL — Disse também o correspondente que os nossos companheiros pediram 900,00 para homens e 600,00 para mulheres de sol a sol nas contratas por 30 dias, em vez de 600,00 para os homens e 410,00 para as mulheres como no ano passado. O agrário Joaquim Caetano aceitou este preço mas queria que trabalhassem de ar e ar e 27 companheiros e companheiras aceitaram e logo saltaram para a camioneta. Quando a camioneta já tinha andado um bocadinho, mais de 500 companheiros e companheiras atravessaram-se à frente e obrigaram-na a parar. Fizeram aos trabalhadores e pegaram-lhe pelos braços e pelos avios e fizeram-nos descer. Depois da malta combinou-se e resolveram trabalhar de ar e ar, mas alcançaram os preços que pediamos.

BALIZÃO — Comunicam-nos os nossos companheiros que fizeram uma reunião na praça de jorna e que pela sua unidade conseguiram que no fim de Maio as jornas fossem de 40,00 e 26,00 para as mulheres chegando depois até 45,00.

Mesmo na grande força das ceifas havia muitos trabalhadores desempregados. Um dia o dr. Ferrão e outro agrário despediram 200 trabalhadores tendo ainda muitos este ano foram lançadas mais 300 trigo para ceifar. 50 companheiros e companheiras foram às 10 horas da noite falar à guarda fazendo lá bastante barulho. Depois os agrá-

rios mandaram chamar o pessoal.

ALDEIA NOVA DE S. BENTO — Dizem-nos daqui que fizeram duas reuniões, com bastantes companheiros e que estas reuniões deram uma grande alma ao pessoal que alcançou os 35,00 e 40,00.

SERPA — Foi feita uma reunião de 44 trabalhadores e outra de 6 e pela luta, os nossos companheiros atingiram 33,00, 40,00 e 42,00.

Um dia, o agrário Tareco despediu todos os trabalhadores e queria desses despedidos escolher 25 para continuarem a trabalhar, mas todos unidos deixaram o trabalho. Outra vez este lavrador trazia um rancho a ganhar 35,00 e queria baixar para 30,00 mas todos os companheiros abandonaram o trabalho.

VAL DE YARGO — A boca das ceifas os companheiros fizeram uma reunião com 19 e outra com 40. Nesta última reunião uns defendiam 50,00 e outros 35,00. Dos nossos companheiros que assistiu e de quem a malta esperava uma boa ajuda, disse que em virtude de uns quererem uma jorna e outros outra, que o melhor era irem embora e que ele iria trabalhar por qualquer jorna. Esta forma de proceder é muito má.

As jornas andaram pelos 35,00 mas houve homens que ganharam 35,00 e mulheres 20,00 comidos.

MONTE MOR O NOVO — Na terceira semana de Maio mais de 500 homens e mulheres estavam na Praça a pedirem 40,00 e as mulheres metade. Como os agrários só quizessem dar metade da jorna pedida, os nossos companheiros não aceitaram. Os agrários enfurecidos foram contratar pessoal de fora a 40,00 e até 45,00.

Como os trabalhadores fossem desempregados, fizeram três reuniões e foram 48 trabalhadores à Casa do Povo exigir trabalho. Um membro da direcção disse que tivessem paciência e nada mais fez.

ESCORAL — Diz também daqui que os trabalhadores na Praça se firmaram e conseguiram pela luta 40, 45 nos agrários e 46,00 e 47 nos pequenos e médios proprietários.

Apesar de termos conquistado os 50,00 em várias terras e de lutas vitoriosamente contra as empreitadas, este ano, as coisas foram ainda pior para nós, porque os agrários atiraram uma grande remessa de maquinaria para cima das searas. Só no distrito de Beja foram lançadas mais 300 ceifadeiras debulhadoras em cima de outras 200 ou mais que já existiam. Isto deu como resultado, na força

(continua na 2ª pag.)

A SITUAÇÃO RUINOSA dos rendeiros

A existência da grande propriedade latifundiária e, como consequência disto, a de uma enorme massa de camponeses sem terra obriga estes a sujeitarem-se a um regime de arrendamento que lhes rouba a melhor parte do seu esforço. Um rendeiro, e não dos mais pequenos, dizia-nos ainda há pouco: «Pago uma renda de mais de 100 contos a um cavaleiro que passa a vida nas praias do Estoril e em passeatas ao estrangeiro. Com arrendamentos por 2 ou 3 anos e a ter de pagar a saca de adubos por mais de 200\$00, chego ao fim do ano quase arruinado sem poder dispor de meu do esforço que enterei no cultivo. Sem dinheiro — calcule que tenho muitas vezes de recorrer a pequenos empréstimos de 100.00 aos amigos para poder satisfazer pequenos compromissos — não tenho outro remédio senão recorrer aos usurários que chegam a cobrar exorbitantes juros de 80%. Agora até o subsídio de cultura do trigo que o governo mentiosamente atribui aos que directamente o cultivam, vai direitinho para as algibeiras dos grandes proprietários, pois, estes resolveram substituir a renda em espécie pela renda em dinheiro.» Lutemos pela revisão imediata deste ruinoso sistema de arrendamento.

Os Agricultores Alargavios Em situação Difícil

Com a utilização da obra de rega da campina de SILVES, o governo resolveu aumentar de 300\$00 para 600 o imposto de rega aos agricultores da região. Para isso o governo servindo-se da comissão dos regantes, tentou em várias reuniões convencer os agricultores de SILVES aceitarem esta nova exploração. Unidos na mesma indignação estes rejeitaram o aumento e protestaram energeticamente contra tal desaforo. A luta dos agricultores obrigou o governo a suspender o aumento. Entretanto, é preciso estarmos vigilantes, pois, o governo voltará à carga se nós não lutamos. As condições em que os agricultores alargavios tiveram este ano de colocar os seus produtos foram das mais ruinosas dos últimos anos. Assim, o feijão atingiu um preço tão baixo que muitos preferiram ceifá-lo e dá-lo ao gado.

GREVES E LUTAS...

(continuação da 1.ª pag.)

das ceifas, haver em todas as terras gente desempregada que era um desparate. Só em Baleizão havia mais de 400 pessoas à «boa vida». Isto só mostra que os agrários querem tudo para eles e que ninguém se lembra da triste situação em que vivemos. Por isso, nós, operários e operárias agrícolas, temos de lutar contra o desemprego com a mesma vontade com que lutamos nas ceifas. Devemos fazer reuniões, irmos às Casas do Povo, G.N.R. e outras autoridades e aos agrários pedir-lhes que nos arranquem trabalho. Devemos até mostrá-lhes os papéis das nossas dívidas e explicar-lhes o que se passa nas nossas casas para que eles vejam que não podemos continuar a viver assim.

OS VINHATEIROS MAIS UMA VEZ A BRAÇOS COM A CRISE

A crise do vinho é como uma doença maligna que todos os anos se agrava com a ruína política do governo. Este ano a situação de muitos pequenos e médios vinhateiros será uma verdadeira tragédia se urgentes medidas não forem levadas a cabo. As adegas estão ainda cheias com as produções anteriores pois o governo não cumpriu as suas promessas de adquirir as 40.000 pipas através da

Junta conforme se tinha comprometido. O ano passado o governo prometeu aos agricultores adquirir sem exigências especiais aquela quantidade de vinho da colheita de 1956 e agora está exigir qualidades que não são as dos vinhos armazenados tendo adquirir apenas uma escassa centena de pipas o que motivou o justo alarme dos viti-vinhateiros. Na reunião de Torres Vedras, a que compareceram centenas

de vinhateiros, a política do governo foi vivamente atacada por todos os presentes. É sabido também que a formação das adegas cooperativas preconizada pelo ministro da economia está condenada à falência pois o governo nenhum incentivo sério deu a esta iniciativa. Tudo isto provoca o descontentamento dos vinhateiros que se vêem mais uma vez a braços com uma tremenda crise. Como se sabe, as medidas do governo nunca resolverão a situação. Estamos fartos de o saber. A situação só será resolvida quando cada um poder vender livremente o seu vinho aonde lhe for mais vantajoso e cada português com mais de 14 anos tenha dinheiro para beber ao menos 4 decilitros por dia o que seria suficiente para esgotar a nossa produção. Ao mesmo tempo é necessário abrir aos vinhos portugueses novos mercados que a política do governo nos fecha, como por exemplo os ricos mercados da Europa oriental.

Os vinhateiros devem unir-se mais firmemente, organizarem as suas comissões de unidade, largamente representativas dos vários sectores da produção, e trabalhar activamente para encontrar a solução urgente que a crise vinícola reclama. Reuniões como as de Coimbra e Torres Vedras devem multiplicar-se, pois são decisivas para a união de todos os vinhateiros.

Amigos De «O Camponês»

19 de Maio dia de C. Eufémia	14,50
Pela unidade	8,30
Pela unidade	3,50
Quem luta vence	9,50
Total	35,80



Vamos lá conversar, Zé!

— Olá, Tóino! Aquase que não te enxergava aí nesse escuro, homem. Então como estão esses ossos?

— Ah! meu grande amigo, se tu soubesses como tenho andado para aí estabado à tua procura... Sim, Zé, a noite está escura como breu mas olha que eu cá por dentro ainda estou mais escuro do que ela. E cá a ossada é uma canseira de «boa vida». Só a mioleira é que me trabalha noite e dia a desalmada, a remoer, a remoer, sem saber como heide dar de comer aos quatro filhos e à mulher sem ganhar uma poeira há mais de três meses. Sem ganhar um tostão, Zé, como posso eu viver? Vivo mal e bem mal que mais mal não posso viver!

— É verdade, Tóino, também a minha foice este ano nem uma palha cortou. Os desalmados dos agrários fizeram o que puderam para explorarem ainda mais o pessoal!

— Como há-de isto ser, Zé? Foi pra' máquinas e mais máquinas outra vez este ano. Vê lá tu que o dr. Ferrão mais os Lampreias e o Dias chamaram alargavios só para não darem que fazer aos ceifeiros da terra. Até os comerciantes falavam a quem queria ouvi-los contra as patifarias dos agrários. E têm razão! Como pode a gente pagar os fiados dum ano? E como vamos resolver esta situação, Zé, não me dizes?

— Olha, Tóino, isso é uma coisa que temos de resolver todos juntos porque uns para cada lado só nos põe fracos para fazer frente aos agrários e à gente do governo. Temos de chegar todos à fala, Tóino, os homens e as mulheres, sem demoras, pois as barrigas não podem esperar, combinarmos aquilo que é preciso fazer para mudar a nossa sorte.

— Pois é. Isso assim é como tem de ser, não resta dúvidas, Zé. Mas como é que a gente vai ter forças para obrigar esses danados a darem

que fazer aos nossos braços e a darem pão para os nossos filhos? — Se estivermos uns para cada banda está claro que não teremos força nenhuma. Mas Tóino, já te esqueceste da maneira como a gente tem conseguido alguma coisa? Como é que o pessoal de Quintos conseguiu este ano a jorna de 50,00? E nos outros lados? Foi com uma forte união, Tóino, e com uma grande vontade de luta, de toda a gente.

— Mas tenho cá a impressão que o pessoal anda arrecedado, Zé!

— O medo não dá pão a ninguém, Tóino. E depois, o que nos pode acontecer se reclamamos aquilo que é justo? Quem é que nos pode estorvar, se estivermos bem dispostos a isso, de nos juntarmos todos, homens e mulheres e formos à Casa do Povo reclamar trabalho? Que se abram obras na aldeia que bem precisa, Tóino! Há valas para reparar, estradas para concertar e por essas herdades há para aí que chegue avonde para dar trabalho a todos os desempregados. Se nos unirmos e soubermos ser firmes, os agrários, as autoridades e as direcções das Casas do Povo terão de nos atender. Sim, Tóino. Façamos reuniões como fizemos para as ceifas e depois todos juntos escolhamos os companheiros que melhor nos representem junto da Casa do Povo, das autoridades, dos agrários, juntemos todo o povo à volta dessas «comissões de unidade camponesa» e veremos se arrancamos trabalho ou não! Com receios e parados nada conseguiremos, Tóino!

APELO AOS GUARDAS REPUBLICANOS

Nós operários e operárias agrícolas, passamos meses e meses sem ganhar um tostão. Nós e os nossos filhos, nunca enchemos a barriga e andamos rotos e descalços. Muitos de nós, dormimos no chão, não temos lençóis e o que serve de mantas são sacas velhas. Vivemos em casas de terra onde entra a chuva, o frio e o vento por todos os cantos.

Na altura do desemprego muitos de nós deixamos em casa as mulheres e filhos sem pão e vamos à sorte à procura de trabalho mas logo voltamos desiludidos porque não arranjam.

Este ano, as coisas estão ainda piores. Nas ceifas, os agrários meteram muitas máquinas, foram buscar ranchos de fora e recusaram-se a contratar-nos para nos obrigarem a aceitar as empreitadas.

Antes das ceifas, um companheiro nosso dizia assim: «tenho três filhos e devo mais de um conto de reis». Uma rapariguinha dizia também: «em casa, passamos muito mal e devemos mais de dois contos. Esta é a nossa vida».

Alguns guardas compreendem as nossas dificuldades. Por exemplo, numa terra os agrários foram dizer à GNR para irem à Praça desfazer um grupo de trabalhadores que pediam 40,00. Responderam-lhe que isso era com os agrários e ceifeiros e não foram lá.

Noutra terra, um guarda soube que um trabalhador tinha em seu poder um «Camponês». O guarda atenciosamente pediu-lhe o jornal, concordou com as jornas que se pediam e deixou o nosso companheiro em paz.

Entretanto, ainda se encontram guardas que por vezes fazem coisas que não deviam fazer. É o caso de Pias e Reguengos onde alguns guardas foram à Praça e se puseram a fazer força para que os ceifeiros e ceifeiras saíssem por jornas baixas e das empreitadas. Alguns até ajudaram a PIDE.

SENHORES GUARDAS REPUBLICANOS!

Vós tendes mulheres, pais e filhos e também não quereis que eles vivam mal. Muitos de vovcêsses também já foram operários e trabalharam para os agrários e outros patrões que pagam sempre muito pouco. Por isso, podeis avaliar melhor as dificuldades da nossa vida.

Nós operários e operárias agrícolas, pedimo-vos que não nos maltrateis, que não volteis as armas contra nós, e que façam tudo para que os agrários e o governo nos dêem trabalho e uma jorna que dê para irmos pagando as nossas dívidas e que chegue para matar a fome a nós e aos nossos filhos.